

ARTIGO

O HOMEM DOS AVESSOS
*A Leitura de “Grande Sertão: Veredas”
de Antonio Candido na “Diálogo Revista
De Cultura” (1957)*

REGINALDO SOUSA CHAVES

reginaldosousa@ors.uespi.br
Universidade Estadual do Piauí
Oeiras | Piauí | Brasil
orcid.org/0009-0007-0899-001X

HARLON HOMEM DE LACERDA SOUSA

harlonhomem@ors.uespi.br
Universidade Estadual do Piauí
Oeiras | Piauí | Brasil
orcid.org/0000-0002-5722-2953

O objetivo deste artigo é compreender a contribuição do crítico Antonio Candido para *Diálogo Revista de Cultura* (1957) no número especial dedicado a *Grande Sertão: veredas* (1956) de Guimarães Rosa. Propomos então ler seu ensaio *O Sertão e o Mundo* a partir de uma constelação intelectual e, ao mesmo tempo, de alguns problemas com os quais está dialogando, em especial com a recepção paulista do existencialismo e a relação entre forma literária e História. Construimos nossa abordagem nos detendo nos itinerários, sociabilidades e aspectos geracionais que envolvem Candido e Vicente Ferreira da Silva, diretor do periódico. Utilizamos enfoque que leva em consideração as complexas imbricações entre elementos contextuais e textuais e opera nos contatos entre a Crítica Literária e a História Intelectual.

*Antonio Candido; Guimarães Rosa; Grande Sertões: veredas;
Diálogo Revista de Cultura.*

ARTICLE

THE MAN INSIDE OUT
Antonio Candido's reading of "Grande Sertão: veredas" in "Diálogo Revista de Cultura" (1957)

REGINALDO SOUSA CHAVES

reginaldosousa@ors.uespi.br
Universidade Estadual do Piauí
Oeiras | Piauí | Brasil
orcid.org/0009-0007-0899-001X

HARLON HOMEM DE LACERDA SOUSA

harlonhomem@ors.uespi.br
Universidade Estadual do Piauí
Oeiras | Piauí | Brasil
orcid.org/0000-0002-5722-2953

The aim of this article is to understand the contribution of the critic Antonio Candido to *Diálogo Revista de Cultura* (1957) in the special issue dedicated to *Grande Sertão: Veredas* (1956) by Guimarães Rosa. We propose to read his essay *O Sertão e Mundo* through an intellectual constellation and, at the same time, through some of the problems with which it dialogues, especially the São Paulo reception of existentialism and the relationship between myth and History. We construct our approach by focusing on the itineraries, social interactions, and generational aspects involving Candido and Vicente Ferreira da Silva, the periodical's director. We employ an approach that considers the complex interconnections between contextual and textual elements and operates at the intersection of Literary Criticism and Intellectual History.

*Antonio Candido; Guimarães Rosa; Grande Sertões: veredas;
Diálogo Revista de Cultura.*

INTRODUÇÃO

“Mundo”, “mudança do ser”, “angustiado debate sobre a conduta”, “viver além do bem e do mal”, “homem-no-mundo”, “integridade do ser”, “certeza da liberdade”, “ser livre”. Esse vocabulário surge intensificado na parte final do ensaio de Antonio Candido (1918-2017) sobre *Grande Sertão: veredas* (1956) intitulado *O Sertão e o Mundo*. O texto foi publicado em 1957 na *Diálogo Revista de Cultura* em número especial inteiramente dedicado a João Guimarães Rosa (1908-1967). Na sua avaliação do romance podemos perceber, como nota distante que ressoa ao fundo, uma interlocução com certa abordagem existencialista em voga no pós-Segunda Guerra.

Trama intelectual ainda mais intrincada, pois o texto incontornável da fortuna crítica rosiana, escrito por um homem de esquerda como Antonio Candido, foi publicado justamente em uma revista criada e dirigida por Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), filósofo paulista ligado a cultura política de direita. Ensaio que atesta ainda amizade entre Candido e Guimarães Rosa, para o escritor mineiro “o maior crítico literário brasileiro” (Rosa, 2003, 115). Nosso objetivo é, portanto, compreender *O Sertão e o Mundo* a partir de alguns problemas com os quais está dialogando, em especial com a recepção paulista do existencialismo e a relação entre forma do mito e História. Construímos a abordagem nos detendo nos itinerários, sociabilidades e aspectos geracionais enfatizando também as complexas imbricações entre elementos contextuais e textuais operando nos contatos entre Crítica Literária e História Intelectual (Sirinelli 2003; Lacapra 1998).

A exposição foi organizada em cinco partes. Primeiro, consideramos trajetórias e sociabilidades intelectuais na cidade de São Paulo das décadas de 1940 e 1950 por meio de um paralelo entre Antonio Candido e Vicente Ferreira da Silva. Buscamos demonstrar que a presença do ensaio do crítico na *Diálogo Revista de Cultura* não foi fortuita, mas consequência de contatos que revelam dilemas intelectuais da época. No segundo tópico, discutimos a apropriação do existencialismo no periódico. Nosso intuito foi demonstrar como pensadores como Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Martin Heidegger (1889-1976) foram avaliados não apenas com critérios teóricos, mas também ideológicos.

Em seguida, oferecemos um sumário das leituras do grupo da revista em torno do romance rosiano. Abordamos a ênfase dada aos aspectos simbólicos e à crítica ao humanismo considerando o programa do periódico que operava com noções como as de arquétipo e mito. Na quarta seção discutimos a interpretação de Antonio Candido de *Grande Sertão: veredas* no horizonte da elaboração do conhecido método da redução estrutural que lida com o problema da relação entre forma e História. Tratamos de mostrar como essa metodologia – em construção nos escritos situados entre 1952 e 1961 – também se confrontava de maneira elusiva com questões trazidas pela voga existencialista. Por fim, propomos uma leitura descritiva de *O Sertão e o Mundo* levando em conta o contexto apresentado nos tópicos anteriores. Essa recapitulação da argumentação por citação e paráfrase objetiva apontar para o modo como o ensaio faz o caminho inverso dos textos da *Diálogo Revista de Cultura* número 8: partindo da forma do mito em direção à dimensão humana e histórica, ou seja, dos arquétipos para um humanismo crítico.

DESTINOS PARALELOS E DÍSPARES

Vicente Ferreira da Silva e Antonio Candido travaram contato nos anos 1940 e 1950. Assim, faremos a seguir uma breve cartografia que envolve carreiras acadêmicas, coesão de grupos, criação de revistas culturais e opções ideológicas que lançam luzes sobre o combinado de textos do número 8 da *Diálogo Revista de Cultura*. Os dois podem ser incluídos entre intelectuais da *Plataforma da Geração 45*. Título de livro de Mário Neme com inquérito dirigido aos “moços” de diferentes matizes ideológicos que atravessaram ascensão do fascismo, Segunda Guerra Mundial, Revolta Paulista de 1932 e assistiram o nascimento e fim do Estado Novo. Geração marcada pelos embates entre liberalismo, integralismo, socialismo, comunismo e democracia. Não apenas as respostas, mas as próprias perguntas indicavam horizonte histórico de “negação da ordem vigente” da ditadura varguista (Mota 2014, 151).

Antonio Candido, ligado à cultura política de esquerda, participou nos anos 1940, sucessivamente, do Grupo Radical de Ação Popular, da União Democrática Socialista e do Partido Socialista Brasileiro (Candido 2006, 07-08). Enquanto o filósofo paulista, tendo passado pelo Integralismo (D’Elia; Hungria 2008, 31), pertencia a cultura política de direita sendo um dos fundadores em 1949 do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) – órgão cultural conservador liderado por longo período pelo ex-Secretário Nacional de Doutrina da Ação Integralista Brasileira Miguel Reale. É nesse vórtice histórico-ideológico que suas carreiras irão se desenvolver.

Ambos têm passagem pela Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, já incorporada à Universidade de São Paulo (USP). Antonio Candido, deixa o curso no quinto ano e dá continuidade à sua carreira nas Ciências Sociais, formando-se em 1941 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Ao mesmo tempo, segue atividade de crítico na *Folha da Manhã*, *Diário de São Paulo* (1945-1947) e na revista *Clima* (1941-44), esta fundada por ele e demais jovens intelectuais “empenhados em estabelecer um novo patamar analítico para a crítica de cultura” paulista (Pontes 1998, 51).

Por seu lado, Vicente Ferreira da Silva torna-se bacharel em Direito, mas opta, até os anos 1940, pelos trabalhos de Lógica Matemática, para, posteriormente, dedicar-se à filosofia existencialista e, depois, à uma visão heideggeriana do mito. Cria e dirige nesse período o Colégio Livre de Estudos Superiores (CLES), centro de conferências e cursos que, segundo Antonio Candido, foi um “efêmero e interessante” local de “reuniões onde eram expostos e debatidos os mais variados assuntos de ciência, filosofia e literatura” (Candido 2024, 216).

Antonio Candido concorre em 1945 para vaga na Faculdade de Letras com tese *Introdução ao método crítico de Silvio Romero* que, embora sem sucesso, lhe dá o título de livre-docente na área. Dois anos depois, torna-se Professor Assistente na cadeira de Sociologia II na FFCL. Por volta de 1955 deixa a função e, três anos depois, passa a exercer o cargo de docente de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, retornando à USP em 1961 para lecionar Teoria Literária e Literatura Comparada.

Vicente Ferreira da Silva auxiliou em 1942 o lógico-matemático americano Willard van Orman Quine em sua passagem por São Paulo. Durante o primeiro reitorado uspiano de Miguel Reale (1949-1950), ocupou o cargo de diretor da Divisão de Difusão Cultural da universidade (Galvão; Martins 2003). Em 1950 buscou, através de concurso público, ocupar vaga de professor na Faculdade de Filosofia “fato que foi interpretado pelas autoridades da FFCL como ofensiva do grupo [do IBF] ligado ao reitor para tomar a cadeira” (Boitempo Jr. 2003, 03). Sua inscrição foi impugnada por não possuir formação na área. A tese apresentada à comissão, *Dialética das Consciências* punha a Lógica de lado e explorava o existencialismo através de Hegel.¹

As trajetórias passam por momento decisivo nos anos 1950 quando São Paulo se consolida como metrópole mais populosa do país e “principal centro industrial em toda América Latina”. Ao tempo em que as palavras “nacionalismo”, “industrialização” e “desenvolvimento” “tinham se tornado sinônimos” o Brasil era visto como capaz de integrar o concerto moderno (Weinstein 2022, 408). Concomitantemente, é possível constatar a sedimentação da moderna cultura intelectual paulistana baseada nos ideais de cientificidade, profissionalização e racionalização dentro de um contexto de concorrência institucional contra o suposto diletantismo tradicionalista anterior (Arruda 2015).

Vicente Ferreira da Silva assume posição reativa, pois acredita na filosofia como vocação (Giannotti 1974, 28) e adota visão política antimoderna criticando o que considerara os fundamentos da modernidade: razão iluminista, progresso, ciência, técnica, etc. Ele permanece atuando no IBF e lança em 1955 a *Diálogo Revista de Cultura* de caráter modernista e filosófico. Antonio Candido optou por um percurso marcado pelo encontro de diferentes confluências: atenção às inovações estéticas e culturais, leitura crítica e histórica dos problemas da *formação* do Brasil e rigor científico adquirido na FFCL. Ele e seu grupo garantiram, através da *Clima*, “visibilidade necessária para inserirem-se na grande imprensa e nos empreendimentos mais amplos da cidade de São Paulo” (Pontes 1998, 215). Delimitando espaço de ação distinta da herança de 22, do ensaísmo dos anos 1930, mas, igualmente, das formas mais ostensivas de empenho científico e acadêmico, como é o caso do Florestan Fernandes da década de 1950 na USP (Garcia 2002).

Ambos atravessaram circuitos culturais da metrópole deixando marcas dos encontros. Afinal, Vicente Ferreira da Silva contribuiu com *Spengler e o Racionalismo* para *Clima* número 4 (1941). Antonio Candido afirmou que seu grupo – apesar das posições antiautoritárias com “ideias que iam de democráticas a esquerdistas” – pressupunha, até a décima tiragem, “certa transcendência da cultura intelectual e artística que estaria acima das posições políticas.” Ora, “foi nesse contexto que” a revista “acolheu em alguns números a colaboração de rapazes de direita” interessados “nos problemas da cultura.” O acirramento da Segunda Guerra e a adesão do Brasil aos Aliados intensificaram divergências impedindo a cooperação anterior. Os números 11 e 12 rejeitaram o fascismo a partir de “certo radicalismo de esquerda democrática”. No balanço sobre a importância do periódico, o crítico cita como “contribuição destacada”, entre outros, Vicente Ferreira da Silva (Candido 2008, 34).

¹ Curiosamente, Oswald de Andrade (1890-1954) pleiteou as duas vagas citadas. Sendo concorrente, sucessivamente, de Antonio Candido e Vicente Ferreira da Silva. Em Letras com tese sobre *Arcádia Mineira*; em Filosofia, com inscrição impugnada, veio à luz *Crise das Filosofias Messiânicas*.

Após o fim do conflito internacional e do Estado Novo reencontramos pistas dos contatos. Em 1945, Antonio Candido argumentava – em dicção que lembra preocupações algo existencialistas – que “o homem atual” vivia em “estado de excessiva preocupação com o eu e com o mundo.” Para enfrentar a “crise”, seriam urgentes iniciativas em direção à um “novo humanismo” oposto “a desnorteante desumanização”. Ele então informa: “me pus em contato com alguns intelectuais [...] animados do desejo de contribuir eficazmente para o movimento de humanização da cultura. [...] Daí o nascimento do Colégio Livre de Estudos” Superiores de Vicente Ferreira da Silva (Candido 2022, 623-624).

Antonio Candido compareceu esporadicamente às reuniões do CLES. Destacamos ainda que, durante curto período, o crítico apareceu listado na *Diálogo Revista de Cultura* como colaborador efetivo, muito embora sua participação tenha sido restrita a *O Sertão e o mundo*. O circuito se fecha com o fato dos dois letrados terem conhecido Guimarães Rosa quando da sua passagem por São Paulo, firmando amizade com ambos (Silva 2006; Candido 2011).

Sabemos que Guimarães Rosa ficou entusiasmado com a edição da *Diálogo Revista de Cultura* em sua homenagem: “Fiquei deslumbrado, tudo formidável. Que pilha de ouro de generosidade!” (Dantas 1975, 16-17). Plínio Doyle, responsável pela bibliografia elaborada em homenagem póstuma, afirmou:

Nosso ponto de partida foi a bibliografia divulgada pela revista *Diálogo*, em novembro de 1957, dirigida por Vicente Ferreira da Silva – o nº 8 foi todo dedicado a Guimarães Rosa. Eram cerca de cento e oitenta verbetes – talvez a primeira de vulto que se fez. Rosa prezou tanto essa publicação que escreveu ao país em 17-12-1957: “Não mandei ainda o número especial, todo a meu respeito, porque só agora é que saiu. Por enquanto, só recebi, por via aérea, um exemplar, de amostra. Fiquei contente, o número saiu magnífico, com artigos da maior importância.” (Doyle 1968, 195)

Atesta esse comentário a carta de Rosa endereçada ao grupo da revista. Nela ele recomenda um artigo de Franklin de Oliveira – um dos seus importantes críticos naquele período – em que havia resenhado o referido número 8 para o jornal *Correio da Manhã*. No fim da missiva, arremata: “envio dois recortes [do texto] – pois talvez gostem de fazer chegar um deles às mãos do grande Antonio Candido.” (Rosa 1967 [1958], 36)

EXISTENCIALISMO REACIONÁRIO NA *DIÁLOGO REVISTA DE CULTURA*

Se a revista *Clima* estava ligada à cultura política de esquerda, a *Diálogo Revista de Cultura* estava conectada à de direita – o que expressa oposição entre os moços da FFCL, frequentadores da *Confeitaria Vienense*, e os jovens leitores de Nietzsche que optavam pela *Leiteria Pereira* (Vargas 2008, 16). Tratava-se de intervenção que explicita atuação de fração dos intelectuais pós-integralistas que buscavam acomodação após 1945. Especialmente se considerarmos outras iniciativas como a *Revista Brasileira de Filosofia* (1951) do IBF e, mais tarde, a *Convivium: revista de investigação e cultura* (1962).

Diálogo Revista de Cultura era manifestação pública de debates cujo *locus* era a casa de Vicente e Dora Ferreira da Silva, sua companheira. Espaço frequentado, brevemente, pelo próprio Guimarães Rosa. Os debates estéticos e filosóficos aí desenvolvidos davam lugar, nas páginas do periódico, à divulgação de um modernismo aristocrático, metafísico e sacralizante a partir de uma leitura antimoderna de R. M. Rilke, W. B. Yeats, T. S. Eliot, F. Hölderlin, D. H. Lawrence, entre outros. Mas, também, e intensamente, a profusão de apreciações e desenvolvimentos das ideias de Heidegger.

A atenção dada ao alemão sedimenta processo na cultura intelectual de direita paulistana de eleição de autores existencialistas, o qual teve início ainda nos anos 1940. Afinidades ideológicas pesaram na escolha dos principais nomes ligados à corrente: Sartre e Heidegger. A respeito do pensador francês Vicente Ferreira da Silva escreveu em 1948: “Sartre é, na atualidade, a mais veemente voz que se levanta contra a cacofonia marxista que reduz o homem às suas funções elementares, desconhecendo horizontes inteiros do continente humano.” (Silva 2009, 107) *La nausée* (1938) e *L'être et le néant* (1943) seriam obras em que temas do pensador francês pareciam abrir-se para o anarquismo individualista, anticomunismo e pessimismo antiburguês (Cohen-Solal, 2007, 19-29). A náusea sartriana passaria “impressão terrorífica da consumação dos tempos e da monstruosa dissolução do homem.” (Silva 2010 [1958], 245-246)

Essa adesão muda quando o sartrismo liga-se ao Partido Comunista Francês, entre 1952 e 1956, e depois, rompido com este, torna-se arauto do *engagement* das lutas socialistas do Terceiro Mundo (Cohen-Solal 1986, 519). Passando a ser alvo de críticas na *Diálogo Revista de Cultura*: “Sartre traduz derrota, falência, fraqueza” e Heidegger “ressuscita[ria] o mito wagneriano; desenha[ria] o perfil do herói, tenso na direção do futuro, atravessando o Nada” (Barbuy 1957, 37). Viravolta consolidada no texto de Vicente Ferreira da Silva – publicado por ocasião da visita do francês ao Brasil em 1960 – quando Sartre é visto como defensor de um “existencialismo-marxista” cujo socialismo seria o despotismo de uma “classe burocrática-ditatorial.” (Silva 1960, 93-94)

Heidegger torna-se centro das preocupações de Vicente Ferreira da Silva em escolha, por trás da qual, se pode identificar simpatias com ideias reacionárias, antidemocráticas, antiliberais, anticapitalistas, antimarxistas do filósofo da Floresta Negra, antes e depois de sua adesão ao nazismo.² Mais do que *Sein und Zeit* (1927), são os escritos do pós-guerra – *Carta sobre o Humanismo* (1946) e *Holzwege* (1949) – que vão interessá-lo, pois, centrados na pergunta pelo Ser, na questão da técnica e na volta ao sagrado. Enquanto Sartre ancorava o existencialismo no marxismo e no humanismo, o pensador alemão adotava um anti-humanismo e denunciava o americanismo e o bolchevismo da Guerra Fria que se iniciava: “Esta Europa, em atroz cegueira e sempre na iminência de apunhalar-se a si mesma, jaz sobre a grande tenaz formada pela Rússia e América [que] metafisicamente encarnadas, significam a mesma coisa; a mesma fúria desesperada pelo desencadeamento da técnica e a organização abstrata do homem normal.” (Heidegger apud Silva 2010 [1958], 347)

² A propósito dessas observações inevitavelmente sumárias referenciamos leituras díspares, mas esclarecedoras: P. Bourdieu (1989), J.-L. Nancy (2017) e os textos diretamente políticos de Heidegger (Fédier, 1997).

Mas, Vicente Ferreira da Silva propunha-se não apenas comentar a filosofia heideggeriana, mas a fabricar a própria reinterpretando o problema da Abertura do Ser como começo de um regime matricial mítico. Cada instauração de um “mundo” pelo Ser equivaleria a uma “morfogenética” do mito. A modernidade estaria fundada no “mito humanístico” cristão fincado na divinização do homem e humanização de Deus (Silva 1955, 105-106). Os sucedâneos políticos da forma religiosa cristã, centrados na ação humana e não no Ser, seriam justamente liberalismo, marxismo e democratismo.

O pensador paulista imerge as ideias de Heidegger em certa tradição de estudos mitológicos de esquemas a-históricos que mobilizam um “arquetipismo” essencialista (Huberman 2013, 52-53). De onde resultava uma profecia política:

Estamos na iminência de ingressar num ciclo histórico sem personagens ou atores individuais, num universo promíscuo e arquetípico, no qual serão talvez anuladas desde o início quaisquer veleidades de ser em módulo pessoal. A vida individual, egológica, personalíssima, foi uma conquista, uma estrela temporária no céu da história e, como tal, teve seu gráfico de crescimento, apogeu e morte (Silva 1957, 03).

A *Diálogo Revista de Cultura* defendia no seu primeiro número “uma linha de meditação e de pesquisa” voltadas às “possibilidades finais do humanismo”. O “grupo orientador” estava interessado na sua superação e sondagem de “matrizes obscuras da realidade”, a saber: os mitos (Silva 1955, p. 03).

Antonio Candido, na *Plataforma da Geração 45*, reconhecia que seu “tempo é de inquietude e de melancolia”; “época de grande tensão moral e de muito angustioso sentido de responsabilidade”. Por isso, indicava que a “tarefa máxima” da sua geração seria “o combate a todas as formas de pensamento reacionário.” (Neme 1945, 37) Ele manteve postura crítica diante dos “*filosofantes*” – termo com que Cruz Costa, catedrático de filosofia da USP, designava negativamente intelectuais ligados ao grupo de Miguel Reale, como Vicente Ferreira da Silva (Candido 2022 [1945], 633).

Vicente Ferreira da Silva também tinha suas próprias reservas. Em carta a Dora Ferreira da Silva, menciona Antonio Candido a propósito da “desesperada elucidação” da vida. Recusando categorias sociológicas como “desadaptação social” o filósofo ansiava por “existência radicada na verdade” com “profunda responsabilidade”. Teria sido “Antonio Candido que se referiu a esta conjuntura em que fomos lançados, a esta ausência completa de álibis.” Contudo, se o crítico teria constatado “a peculiaridade” da “situação” do “homem anônimo das cidades”, o filósofo não aceita supostas fugas “das supremas exigências éticas” em nome do “fenômeno objetivo”. Assim, ele propõe um “destino” como “tarefa para qual o qual [o homem] foi chamado à existência” (Silva 2010 [1947], 713-714).

MITOLOGIZAÇÃO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*³

A apresentação, não assinada, que abre a *Diálogo Revista de Cultura* número 8, escrita por Vicente Ferreira da Silva, opera com dispositivo de leitura de *Grande Sertão: veredas* que revela parte do projeto político-cultural do periódico: a oposição entre cultura e civilização historicamente eivada de conotações ideológicas e que no texto surge como contraste entre mundo urbano e sertão rosiano. Cultura funciona no título e difusamente em muitos ensaios da revista como apropriação da crítica romântica ao capitalismo (Eagleton 2011, 09-50).

O texto de Vicente Ferreira da Silva sobre Guimarães Rosa confirma o horizonte estético-ideológico a partir do qual a obra rosiana estava sendo apropriada:

Escolhemos o nome de João Guimarães Rosa para homenagem deste número especial, quer pelo mérito estilístico inovador de sua linguagem poética, quer pela temática e valorização de um setor da realidade que jamais recebera antes tão profundo adentramento. Na obra de Guimarães Rosa parece ser aferida e conferida aquela afirmação de Friedrich Georg Jünger, segundo a qual a “selva é a origem”, representando portanto algo de intemporal e de persistente (Silva 1957, 03).

A superação do “mundo dessacralizado” para “hospedar outras figuras e entidades que rompem” a “solidão” do homem ligava-se às poéticas do retorno ao divino e abrigava tarefa política de supressão do humanismo (Silva 1955, 03).

Dora Ferreira da Silva havia escrito, no número 6 da *Diálogo Revista de Cultura*, o pequeno artigo *Sagarana e o Sentimento da Natureza*. Nele a poeta e tradutora identifica no livro de estreia de Guimarães Rosa a prospecção de uma “espacialidade” “onde transita uma corrente vital que liga homens, bichos e plantas” para além da “perspectiva” de “que apenas o homem vê as coisas.” Nessa “religiosidade natural” – anterior à separação entre sujeito e objeto –, revelada pelos contos do livro, há também “ordem diurna da natureza” e “mundo noturno e endemoninhado” como componentes fastos e nefastos do sagrado (Silva 1957, 79-80). Tal compreensão ecoa as palavras de Guimarães Rosa em 1946: “[a natureza] não é cenário, mas sim personagem”; “[na] roça o diabo ainda existe” (Lima 2000, 62).

Aí está em germe a abordagem de Dora Ferreira da Silva presente no ensaio publicado, meses depois, no número especial do periódico. Nele o enfoque recai em um dos temas centrais do romance de Guimarães Rosa, a existência do diabo com seu “clima de imprecisão e ambiguidade”: o demoníaco seria manifestação do humano e das coisas ou teria existência metafísica? Discutindo dois episódios do livro – a ascensão de Riobaldo a condição de chefe jagunço pactuário e o encontro com Nhô Constâncio Alves – Dora Ferreira conclui pela existência de uma “analogia flagrante” entre essa questão rosiana e o “caráter negativo do demônio como não-ser, tal como se apresenta na teologia cristão.” (Silva 1957, 31)

³ Considerando que este artigo faz parte de um projeto maior de pesquisa sobre a *Diálogo Revista de Cultura* nº 8 não poderíamos evitar revisitar, neste tópico, parte da argumentação planteada alhures e aqui retomada com algumas poucas modificações.

Figuras 1 - Capa e sumário da *Diálogo Revista de Cultura* 8, com arte de Sérgio Ferro (1957)



Diálogo Revista de Cultura 8, novembro de 1957

Para Dora Ferreira da Silva, o romance penderia para compreensão do demoníaco como “um dos aspectos do homem, seu avesso perverso, nada tendo de objetivo e transcendente.” Mesmo diante dessa constatação, a argumentação segue caminho contrário. A dimensão humana do mal surge como “realidade psíquica, de um poder interno do homem.” Essa “feição subjetiva” do “compromisso pactuário” com o demo – espécie de “cumplicidade com impulsos obscuros e negativos da alma” – se exprimiria como “estilo”, “tipo”, “arquétipo”, referência a Mircea Eliade e Carl G. Jung (este último, objeto de traduções e ensaios da poeta) (Silva 1957, 33).

Portanto, forças destinais que ultrapassam a pura vontade e que revelariam a “viagem ou travessia do humano” com seus encontros com os elementos “suave e diurno da existência – [para Riobaldo] Diadorim, Otacília, os caminhos ensolarados do sertão – e infernais do encontro com o Mal.” Em suma, tratar-se-ia da “repetição do mito astral, o caminho do sol que envolve em seu percurso nascimento, ascensão e declínio, criador do dia e da noite, luta com os demônios e purificação”. A “travessia humana” de Guimarães Rosa é vertida em “travessia astral”. A temporalidade histórica e dimensão humana de *Grande Sertão: veredas*, embora mencionadas, são descentradas sob o poder do mito (Silva 1957, 33).

Milton Vargas, por sua vez, monta sua leitura através do “pensamento intuicionista” de Henri Bergson. Guimarães Rosa apresentaria o “sertão brasileiro” não como “realidade geográfico-espacial ou econômico-social”, mas como algo “visto e profundamente vivido.” *Grande Sertão: veredas* seria uma “revolução linguística” com três temas intrincados: a “pura temporalidade” sem começo ou fim, o “ímpeto vital” “que anima [os] personagens humanos” e, por fim, uma indistinção intuitiva entre “eu” e “mundo” que daria acesso à totalidade da vida sertaneja (Vargas 1957, 19-22).

Aspectos que se apresentariam através de “estruturas lendárias” onde não “é possível a disposição objetiva, a documentação, a fidelidade ao fato”. Assim, a ficção rosiana não pretenderia descrever, porém, obter uma visão do sertão. Essa penetração no vivido – que lembra “sábios e profetas da antiguidade” – se daria através do mergulho nos “tipos” míticos: “Riobaldo e Diadorim, são pólos contrários de toda realidade. A montanha e o vale; a terra e o mar; Deus e do Demônio. Separados, perdem sentido. Conjugados, formam a totalidade do que existe”. De fato, Milton Vargas insiste no argumento de que se trata de problemas “centrados na vida humana”. O elogio aos padrões universais, contudo, impõe que o sentido do romance estaria nos “modelos, padrões” mitológicos (Vargas 1957, 22-28).

Com efeito, essas apreciações revelam como o grupo da *Diálogo Revista de Cultura* realizou uma assimilação antimoderna e, no limite (como Vicente Ferreira da Silva), ideológica da obra de Guimarães Rosa. É provável que desejassem tomá-lo como paradigma brasileiro da plena realização estético-política de seu ideal contramoderno e antiburguês. Seria, portanto, o equivalente nacional do que haviam encontrado em R. M. Rilke ou T. S. Eliot, mas muito mais acentuadamente em Heidegger ou D. H. Lawrence.

HISTÓRIA E LITERATURA

Sertão e o Mundo, saído, como dissemos, nesse mesmo número 8 da *Diálogo Revista de Cultura* (1957), foi republicado em *Tese e Antítese* (1964) com título *O Homem dos Aessos*. Junto com ele uma série de outros ensaios, do mesmo período, que retomam direta ou indiretamente a terminologia existencialista. Soltos pelos textos, aqui e ali, termos e expressões dessa corrente não devem ter passado despercebidos aos leitores da época: dos mais óbvios “Mundo”/”mundo”, “ente”, “ser” até os mais carregados de especificidade como “responsabilidade”, “condições de existência”, “contingência”, “permanente inferno de outros”. É possível constatar que o tratamento que o crítico faz do existencialismo nos anos 1940 e 1950 é, predominantemente, elusivo.

Antonio Candido, paraninfo dos formandos de 1947 da FFCL, proferiu discurso contra os perigos “do culto ao saber desligado da existência” chamando jovens a “nortear o ensino segundo a compreensão da vida”. Nessa tarefa havia o desafio colocado pelas “filosofias coletivistas”, marxismo em especial, pois elas corriam perigo de gerar aceitação de “ideais apresentados de fora para dentro e que, por isso mesmo não brotam da fusão do *ser* com o *conhecer*, mas do *ser* com o *parecer*.” Ao mesmo tempo, urgia desconfiar das “filosofias da moda, que acentuam as limitações da razão e exaltam liricamente a tragédia e o desespero.” Seria necessário um “novo estoicismo para definir as tarefas da consciência

individual e prolongar-se na ação pelo imperativo da justiça social.” (Candido 2002, 183-189)

Entre o público estava o convidado Oswald de Andrade (2009 [1948], 273) que viu no discurso “análise de posições intelectuais que dividem e empolgam o mundo de hoje.” Para ele, Antonio Candido “situou-se excelentemente entre o desespero voluntário do existencialismo e o compromisso anulador que exige o marxismo militante. Uma síntese magnífica dessas duas situações-limite.” Cabe lembrar que o crítico – em testemunho sobre o modernista – reconheceu o existencialismo como linguagem corrente nos debates filosóficos da época (Candido 2011).

Antonio Candido chegou a confrontar diretamente a corrente filosófica em crítica sobre *La Putain respectueuse* (1946) de Sartre. *Eu e não-eu* assinala que essa peça de teatro, “sátira violenta contra os bastidores morais da democracia norte-americana”, revelaria que “a sociedade atual está organizada de modo a reduzir ao mínimo as ocasiões” de “afirmação livre, autêntica e, portanto, verdadeiramente moral da personalidade.” O que chocaria com a ideia do filósofo de que “o homem se realiza nas afirmações mais irredutivelmente individuais, mais libertas de injunções do grupo e da tradição. Tudo aquilo que fazemos sob pretexto de norma social, determinismo, fatalidade biológica etc., traz a marca de uma indisfarçável má-fé.” “Virando do avesso” a ideia “existencialista do homem responsável e livre” o crítico acentua, pelo contrário, “a presença essencial (se é possível falar assim) do mundo, dos outros homens, do não-eu, em suma, no cerne da deliberação do eu.” (Candido 2022 [1947], 812-813)

O *Prefácio* de *Tese e Antítese*, escrito em janeiro de 1963, mostra que o modo como Antonio Candido aborda esse problema existencialista teve ressonâncias em fração de sua crítica. Com efeito, ele destaca a “afinidade” entre os artigos do livro, pois abordariam “problemas de divisão ou alteração, seja na personalidade do escritor, seja no universo de sua obra.” Discutindo diferentes escritores vemos “antes de exceção”, “estilhaçamento do ser”, “divisão do ser”, “formulação da conduta”, etc. (Candido 1964, 02-03) Um mergulho na imaginação literária que explora aquilo que o crítico chama, em um dos ensaios, “usando uma linguagem dostoiévskiana”, de “homem do subterrâneo, a nossa parte reprimida, que opõe a sua irredutível, por vezes tenebrosa singularidade, ao equilíbrio padronizado do ser” (Candido 1964, 97).

A dialética indicada no título se refere, entre outras coisas, a esses movimentos de embates entre um eu e uma alteridade manifesta no próprio ser:

[...] os ensaios deste livro são como uma série de bonecos de mola, que saltam da caixa quando se ergue a tampa. Envergando uniforme adequado (pois é sempre uma espécie de casaca-de-ferro da literatura), o crítico se imagina um Asmodeu dialético e abre as caixas. De Edmundo Dantès surge um vingador satânico, o Conde de Monte-Cristo. De Eça de Queirós socialista surge um tradicionalista contraditório, que interfere na economia profunda da sua obra. Em [Joseph] Conrad, o jovem comandante de *The Secret Sharer* vê surgir das águas de seu duplo, o criminoso Leggatt, enquanto o confiante Jim percebe apavorado que dele, na hora do perigo, sai um desertor. Na obra de Graciliano Ramos, um caeté pula do brando João Valério, uma alma frouxa salta do bicho que é Paulo Honório, um assassino elementar do esmagado Luís da Silva. Em Guimarães Rosa, culminando tudo, o que reponta é a velha Sombra, o lado negativo, a projeção suprema do Eu conturbado, que a criação ficcional suscita para encarnar “os crespos do homem, o homem dos avessos” (Candido 1964, 01).

Também estava em jogo nos ensaios a questão do mito embutida nos debates ligados (por contágio) ao existencialismo, sendo que particularmente os dedicados a *Conde de Monte-Cristo* e *Grande Sertão: veredas* lidam com dualidades modelares – Deus e Diabo, o alto e o baixo, etc. – que o crítico não teme perscrutar.

Tese e Antítese dista um ano do lançamento de *Literatura e Sociedade* (1965), obra em que há esforço em explicitar a historicidade da literatura e a imersão destas no social.⁴ Os textos dos livros foram redigidos em arcos de tempos que se cruzam, 1954-1961 e 1952-1958. No primeiro a ênfase parece recair nos símbolos, formas, arquétipos e mitos; no segundo, na historicidade e socialidade da literatura. Entretanto, se uma dimensão parece mais explícita que outra, isso não significa exclusão, mas busca de conexão (Schwarz 2014). Antonio Candido iniciava elaboração da redução estrutural: a ideia de que a relação entre literatura e sociedade não é da ordem de um paralelismo, mas diz respeito ao modo como componentes histórico-sociais se transformam em estrutura literária (Candido 2019 [1965]). As questões para quais chamamos atenção nesse recorte temporal – ou seja, antes resolvê-las em *Dialética da Malandragem* (2015 [1970]) – envolvem estruturas sociais, formação, forma literária, mitos, símbolos, etc. em relação com processos históricos.

Tese e Antítese mobiliza tipologias com atenção a dimensão social e histórica, como no citado *Da Vingança* (1952) sobre *Conde de Monte-Cristo*. O personagem Edmond Dantès surge com “natureza dupla, divina e infernal”, “sol e treva” levando adiante o “mito da rebeldia” romântica em que o “Eu” tem “a capacidade de vencer o mundo.” Por outro lado, o romance revelaria que “a vingança pessoal é a quintaessência do individualismo”, “eixo da conduta burguesa.” A ficção de Alexandre Dumas forneceria lições sobre “levar às últimas consequências os princípios de competição e apoteose do êxito individual, novas formas de direito do mais forte e fundamentos éticos da era capitalista.” (Candido 1964, 24-37)

No *Prefácio*, *Grande Sertão: veredas* é visto como “grande romance metafísico” em que “tudo é também símbolo” revelando “o dilaceramento de um homem tomado entre o bem e o mal, debatendo sem repouso a validade da sua conduta”. Guimarães Rosa teria acessado “um substrato simbólico, dissolvendo-o em comportamentos primordiais, até trazer à baila, como signo máximo que percorre o livro todo desde a epígrafe, o arquétipo de todas as divisões do ser: o demônio.” (Candido 1964, 03) Porém, veremos, as marcas históricas e sociais também se fazem presentes, pois constatamos que não há espaço para o intemporal. O que nos permite apontar um dos problemas decisivos do ensaio publicado na *Diálogo Revista de Cultura*, a saber: a relação entre mito e História.

⁴ Chama atenção *Tese e Antítese* ser composto de textos publicados em crítica de jornal e revistas culturais, enquanto *Literatura e Sociedade* tem maior parte oriunda de palestras em eventos acadêmicos e revistas científicas.

“O SERTÃO E O MUNDO”

O encontro de Antonio Candido (2002 [1946] 183-189) com a obra Guimarães Rosa inicia-se com resenha de *Sagarana* (1946). Nela ele defende que não se tratava de literatura regionalista, pois “transcende a região” “por meio de uma condensação do material observado”; sendo, portanto, livro de contorno “universal pelo alcance e coesão da fatura.” Abordando dez anos depois o romance rosiano pela primeira vez constatamos a permanência da questão da “incorporação de valores universais” (Candido 2002 [1956], 186-187). De fato, “no conjunto das leituras realizadas entre 1956 e 1960, afirmar a universalidade de sentido e valor de *Grande Sertão: veredas* parece preponderar como tarefa assumida pela crítica” (Corpas 2015, 53).

Mas, a leitura também se detém no problema destacado em nosso estudo. Antonio Candido (2002 [1956], 186-187) afirma que alguns temas do romance são desdobrados como variações musicais: “Menino” Reinaldo “predestinado”, “as três encarnações” do amor (pureza, Otacília; sensualidade, Nhorinhá; “impulsos obscuros”, Diadorim) e, por fim, do “mal e da responsabilidade, encarnado na presença negada e sentida do Demônio – sem dúvida o maior personagem do livro no plano transcendente, como é, no plano físico, o Sertão, onde o narrador busca as veredas da verdade”. Assim, como “narrativa sertaneja de experiências profundas com Mundo, Diabo e Carne”, o livro é “absorvido por certos problemas, sobretudo o da conduta abordado de um ângulo que os existencialistas chamariam de ‘ser no mundo.’”

O Sertão e o mundo pode ser lido à luz desse percurso crítico. O primeiro dos aspectos a destacar é o título que ressoa a relação entre “o mundo e o homem” que contém “abismo de virtualidades”. Aqui vemos diferenças em relação aos demais textos que fazem companhia ao ensaio de Antonio Candido na *Diálogo Revista de Cultura*, pois tratar-se-ia “de elementos que” Guimarães Rosa “deformou a partir de modelos reais.” A atenção ao material histórico manejado pelo ficcionista é fator organizador da argumentação, porém, buscando compreensão da simbolização. Nesse sentido, os termos caros ao existencialismo em geral e à *Diálogo Revista de Cultura* em particular – “homem” e “mundo” – estão subordinados ao problema da crítica literária e não às chaves filosóficas (Candido 1957, 05).

Daí o problema regional-universal dos artigos anteriores ligar-se às questões meditadas e, posterior e provisoriamente, sedimentadas em *Literatura e Sociedade*. O termo “mundo” funcionando também como mundo tecido na escrita ficcional e não exclusivamente como *weltliteratur*. Trata-se da preocupação com a internalização dos processos históricos na forma literária:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e o nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro da matriz regional, para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dôr, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e, na verdade, Sertão é o Mundo. (Candido 1957, 06-07).

Como se sabe, a sequência do artigo deságua na leitura comparada de *Grande Sertão: veredas* e *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha (1898-1909) e que teve grande impacto nas críticas sucessivas. Tanto naquelas que a transformaram em seu motivo fundante (Bolle, 2004) como em outras que a rejeitaram (Santiago 2017). Deixando de lado a controvérsia convém nos deter em como, para Antonio Candido, o simbólico emerge da “experiência documentária”.

Primeiro, se o “mundo de Guimarães Rosa parece dado a observação” logo o “mapa se desarticula” e a “flora e a topografia obedecem frequentemente à necessidade de composição” a exemplo do Rio São Francisco que “divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo, carregados do sentido mágico-simbólico que esta divisão representa para o homem primitivo. O direito é fasto: nefasto o esquerdo”. Ressalvando-se, contudo, seu caráter reversível. Interessa, mais uma vez, “a coexistência do real e do fantástico” e não apenas as formas do mito (Candido 1957, 05).

As luzes lançadas sobre a materialidade histórica por parte de Antonio Candido (2017 [1966], 125-126) se devem à sua própria condição de testemunha desta:

Minha infância, no sudoeste de Minas, ainda vi pelo menos um bando de jagunços passar sob um comando desempenado de um coronel facínora, chefe de uma vila próxima, mandante de infinitas mortes, dono de uma fazenda fortificada e cheia de subterrâneos, cujo nome é hoje motivo de lendas. [...] Creio que está minúscula experiência pessoal do fim do jaguncismo no sul de Minas, no decênio de 1920, talvez ajude os moços a sentirem o ritmo das mudanças em nosso tempo e o interesse com o que falei do assunto.

Suas observações sobre os medievalismos de *Grande Sertão: veredas* não descuidam da existência da violência no Brasil profundo. Simbologia medieval – estudados pioneiramente por Cavalcanti Proença – tecida em torno das figuras do “paladino”, da “dama inspiradora”, do “cavaleiro felão, traidor” e da donzela guerreira, dos padrões ideais e ritos cavaleirescos. Estes são “elementos utilizados para transcender a realidade do banditismo político, que aparece então como avatar sertanejo da Cavalaria.” (Candido 1957, 11)

Segue-se que a busca da chefia por Riobaldo “vem simbolizado pelo pacto com o diabo” que “parece corresponder a um rito iniciatório equivalente ao de certos romances de cavalaria, e até certo ponto da própria regra de Cavalaria militante” a exemplo da “prova da Capela Perigosa, nas lendas do Santo Graal.” Trata-se de abrir “caminho para adquirir poderes interiores necessários à realização da tarefa” de vingar o assassinato de Joca Ramiro. Assim, o personagem-narrador, tendo passado pela iniciação pactária, sente operar em si “a mudança do ser”: “prepotência das funções de mando”, alteração mágica do nome e adoção do “animal de exceção” (cavalo Siruiz) (Candido 1957, 13-15).

Daí que a transformação de Riobaldo em “jagunço-paladino” traz consigo que a passagem do mando equivaleria a concentração e cessão de poderes para o novo chefe “à maneira da imolação do rei, para garantir a força vital, e em última análise a fertilidade da terra”. A força telúrica no Sertão rosiano mergulha “nas relações primordiais do homem com a terra, que deve ser propiciada para viver e dar vida, como nos ritos agrários.” Ora, a “coerência do livro vem da reunião de ambas, fundindo o homem e a terra e manifestando o caráter uno, total, do Sertão-enquanto-Mundo.” (Candido 1957, 15)

Entretanto, destaca Antonio Candido (1957, 15), esses elementos que tocam o “lençol do mito e do rito” contribuem para o leitor “penetrar na atmosfera reversível” de *Grande Sertão: veredas* e “entrever o intuito fundamental, isto é, o angustiado debate sobre a conduta, e os valores que escoltam.” Já sabemos, através da nota crítica de 1956, que essa formulação está ligada ao debate existencialista – a mesma cara ao periódico. O grupo da *Diálogo Revista de Cultura* explorou as cifras demoníacas e esotéricas em busca de interpretação antimoderna de *Grande Sertão: veredas* para abrir saídas sacralizantes da modernidade. O crítico, contrariamente, opta por ir do mito ao humano.

Antonio Candido (1957, 15 [grifo nosso]) ressalta “a crispação incessante do narrador em face dos atos e sentimentos vividos” e daí o trato com o diabo ser “símbolo” para “representar as caudalosas águas turvas da personalidade”. No “mundo fantástico de *Grande Sertão: veredas* é o demônio que explicaria “mais logicamente certos mistérios do Sertão.” O demoníaco “surge como acicate permanente, estímulo para viver” nietzscheanamente “além do bem e do mal; e bem pesadas as coisas, o homem do Sertão, o homem-no-Mundo, não pode existir de outro modo.”

Vê-se que não há aderência de fundo às mitologias rosianas como o fizeram Vicente, Dora Ferreira da Silva e Milton Vargas revelando uma crença no mistério rosiano (Pasta Jr. 1999). Antonio Candido mantém distância através da racionalidade que é tanto crítica quanto política já que seu socialismo democrático abre caminho alternativo por dentro da modernidade e não fora dela.

Antonio Candido (1957, 18) transforma o problema mitológico em existencial, pois Riobaldo arriscadamente busca a “integridade do ser que sente existir no próprio lance da cartada. A ação serve para confirmar o pensamento, para dar certeza da liberdade.” A “ética do livro” liga-se ao contrato com o diabo que tem dupla consequência: “é ao mesmo tempo ascese (sob o aspecto iniciatório) e compromisso (sob o aspecto moral)”. É o pacto que permite ao personagem “manipular o mal, como condição para atingir o bem possível”; ao mesmo tempo, ele supera o “ser ambíguo” de “Bandido e não-bandido” fazendo-se “integralmente [o] paladino” que completa a vingança. Por fim, “o pacto desempenha” papel agregador na “vida do narrador, cujo Eu, a partir desse momento, é de certo modo alienado em benefício do Nós, do grupo, a que o indivíduo adere para definir seu ser livre no Sertão”.

Com efeito, Antonio Candido (1957, 18) interpreta o trabalho da memória vertiginosa de Riobaldo como operação porfiada no momento em que este renuncia “aos altos poderes” para “construir a sabedoria sobre a experiência vivida” objetivando “descobrir a lógica das coisas.” Nesse sentido, “podemos ver que o real é ininteligível sem o fantástico, e que, ao mesmo tempo, este é o caminho para o real. Nesta grande obra combinam-se o *mito* e o *logos*, o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que disputam a mente” do protagonista e “nutrem a sua introspecção tateante e extravasam sobre o Sertão.”

Nas páginas finais do ensaio podemos ler: “[Há] no livro um movimento que afinal reconduz do mito ao fato, que faz da lenda símbolo da vida, e mostra que, na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios de nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe.” (Candido 1957, 18) Desta maneira, para Antonio Candido, no monólogo-diálogo de Riobaldo a palavra final não está com o mito. Contudo, os editores da revista optaram pelo *quid* em detrimento das temporalidades históricas, da racionalidade e do humanismo crítico. Antonio Candido, contudo, mantém cautela diante do simbolismo mágico-religioso rosiano para que estes não sofram abusos reacionários (Huberman 2013, 144).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonio Candido, para a republicação de *O Sertão e o Mundo em Tese e Antítese*, retirou aspectos de circunstância como a menção a um ensaio – não lido – de Franklin Oliveira. No texto ocorreram mudanças na composição, incluindo o título que passou a circular como *O Homem dos Aessos*. Aludindo, desta forma, à famosa passagem do *Grande Sertão: veredas*: “o Diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo” (Rosa 2019 [1956], 27). Aludindo, ainda uma vez mais, aos aspectos humanos e não aos de crença no mito presente no romance.

Essas alterações contribuíram para a obnubilação das referências ao universo existencialista e mitológico da *Diálogo Revista de Cultura*. Talvez porque Antonio Candido buscasse endereçar sua interpretação a outros contextos distintos daquele que envolvia sua leitura envelopada no periódico. A comunidade de leitores ao qual se dirigia o livro de 1964 era sabiamente diferente: acuado entre a esperança das reformas sociais do Governo João Goulart e a iminente instauração de um governo de exceção em 1964.

Já foi notado que o círculo em torno do Vicente Ferreira da Silva era “a favor do golpe militar” (D’Elia; Hungria 2008, 31). Ele mesmo tendo escrito, ainda na década de 1950, textos fazendo chamado ao “povo”, à “comunidade”, à “política de segurança nacional” contra o marxismo, o liberalismo e a “*camouflage* jurídica” da democracia (Silva 2009 [1955], 107). Lembremos que parte dos filósofos ligados ao IBF e à *Convívium*, companheiros do pensador paulista, apoiaram a tomada do poder pelos militares. Miguel Reale pretendeu oferecer nada menos que a “fixação dos quadrantes ideológicos” da “Revolução de março de 1964” (Reale 1964, 47). Ora, sabemos que nesse mesmo contexto Antonio Candido e a FFCL da USP da rua Maria Antônia tornaram-se esteio de resistência às arbitrariedades políticas do regime (Candido 2002 [1991], 183-184).⁵

⁵ Miguel Reale acusou Antonio Candido (2002 [1991], 183-189) pela imprensa, de apologia “a violência e luta armada” em espaço discursivo que rememorava o período da ditadura. Defendendo-se o crítico volta-se a seus princípios políticos onde “o socialismo continua válido como solução possível para os graves problemas gerados pela desigualdade econômica e social, e portanto para promover a humanização do homem.” Desfazendo-se da controvérsia ele cita no fim do texto: “como diz Riobaldo, ‘pão e pães é questão de oponiães.’”

Se “Guimarães Rosa figura [para Antonio Candido] como espécie de pedra de toque para a discussão da literatura brasileira no século XX” (Corpas 2018, 365), os ecos de *O Sertão e o Mundo* são duradouros nas apreciações posteriores que ele fez do romance rosiano. Mesmo partindo de abordagens que buscam ângulos ainda não explorados, seus estudos deixam vir à superfície a mesma constelação terminológica gestada no ensaio de 1957.⁶ Muitos anos depois, em exames mais detidos, ele ainda afirmava, a propósito de *Grande Sertão: veredas*, “que há em Guimarães Rosa uma ontologia peculiar do jagunço” (Candido 2002 [1966], 192).

Essas ressonâncias também atravessaram a imensa fortuna crítica sobre o romance do escritor mineiro. A referência ao ensaio de Antonio Candido tornou-se quase obrigatória e muitas de suas pistas deram margem para interpretações de diferentes orientações teóricas e políticas. Mesmo ancorado na razão, no humanismo e na crítica histórica e social, *O Sertão e o Mundo* não deixa de apontar para a potência crítica da ambiguidade de *Grande Sertão: veredas* onde vige uma dialética irresoluta que se desdobra em uma cadeia de contrários que se chocam.

Diferentes pesquisas têm buscado elucidá-las: Riobaldo, jagunço letrado; narrativa em forma de diálogo-monólogo; tradição fáustica-demoníaca e romance de formação; passado e futuro; estado de lei e exceção; arcaico e moderno, entre outros. Ora, esses opostos deslizam sobre os embates de fundo entre dimensões histórico-sociais e simbólicas. Assim se compreende a perspectiva de Antonio Candido: não apagar a historicidade dentro dos símbolos; tampouco emudecer as mitologias como farsas; mas, apontar para a experiência histórica atrelada a forma literária, a forma do mito.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo: Edusp, 2015.
- BARBUY, Heraldo. Sartre e Heidegger. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 7, julho de 1957.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.
- BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. A guerra dos filosofantes: Cruz Costa, Miguel Reale e a filosofia paulista. ANPUH. *Anais Eletrônicos XXII Simpósio Nacional de História*, 2003, João Pessoa. v. 1.
- BOURDIEU, Pierre. *Ontologia política de Heidegger*. São Paulo: Papirus, 1989.
- CANDIDO, Antonio. A Filosofia no Brasil, *Diário de S. Paulo*, 22 de nov. 1945. In: ARANTES, Daniel Essenine Takamatsu. *Caminho crítico: um roteiro de leitura dos artigos de Antonio Candido em Clima, Folha da Manhã e Diário de S. Paulo (1941-1947)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Candido fala em Paraty. *O Estado de São Paulo*. 6 de julho de 2011.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. *Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

⁶ Seu papel decisivo pode ser atestado nos muitos relançamentos do ensaio (Dantas, 2002, 98-100).

- CANDIDO, Antonio. Bettarello. *Recortes*. São Paulo: Todavia, 2024.
- CANDIDO, Antonio. *Clima* [1978]. *Teresina, etc.* São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2008.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia [1961]. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária* [1965]. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem [1970]. In: *Discurso e a Cidade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2015.
- CANDIDO, Antonio. Discurso do Paraninfo [1947]. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Eu e não-eu, *Folha da Manhã*, 13 de fev. de 1947. In: ARANTES, Daniel Essenine Takamatsu. *Caminho crítico: um roteiro de leitura dos artigos de Antonio Candido em Clima, Folha da Manhã e Diário de S. Paulo (1941-1947)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- CANDIDO, Antonio. Grande Sertão: veredas, *Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, no 1, ano I, 06/10/1956. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Claudio a Guimarães Rosa [1966]. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- CANDIDO, Antonio. O Sertão e o Mundo. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 8, novembro de 1957.
- CANDIDO, Antonio. *Sagarana*, *Diário de São Paulo*, 11/7/1946. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Sergio em Berlim e depois [1982]. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- CANDIDO, Antonio. Sobre a Violência, *Folha de São Paulo*, 22/12/1991. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.11, n.20, p.7-21, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Tentativa Cultural, *Diário de São Paulo*, 08 de nov. de 1945. In: ARANTES, Daniel Essenine Takamatsu. *Caminho crítico: um roteiro de leitura dos artigos de Antonio Candido em Clima, Folha da Manhã e Diário de S. Paulo (1941-1947)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese: ensaios*. São Paulo: Editora Nacional, 1964.
- CANDIDO, Antonio. Um ano, *Folha da Manhã*, 9 de jan. de 1944. In: ARANTES, Daniel Essenine Takamatsu. *Caminho crítico: um roteiro de leitura dos artigos de Antonio Candido em Clima, Folha da Manhã e Diário de S. Paulo (1941-1947)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre: 1905-1980*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- CORPAS, Danielle. *Jagunços somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande Sertão: veredas*. Campinas: Mercado das Letras, 2015.
- CORPAS, Danielle. O Guimarães de Antonio Candido e seus avessos. In: FONSECA, Maria Augusta. SCHWARZ, Roberto (org.). *100 anos de Antonio Candido*. São Paulo: Ed. 34, 2018.
- D'ELIA, Renata. HUNGRIA, Camila. *Os dentes da memória – uma trajetória poética paulistana*. Livro-reportagem. Monografia- Jornalismo. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

- DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva*. (Cartas de João Guimarães Rosa). São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- DOYLE, Plínio. Contribuição à bibliografia de e sobre João Guimarães Rosa. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. et al. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. São Paulo: Unesp, 2011.
- FÉDIER, François (org.). *Escritos Políticos de Heidegger: (1933-1966)*. São Paulo: Instituto Piaget, 1997.
- GALVÃO, Donizete; MARTINS, Floriano. Dora Ferreira da Silva: diálogos sobre poesia e filosofia, recordando Vicente Ferreira da Silva. *Revista Agulha*, Fortaleza; São Paulo, outubro de 2003.
- GIANNOTTI, José Arthur. Sobre o Trabalho Teórico. *Transformação*, n 1, Assis 1974.
- GRACIA, Sylvia G. *Destino ímpar*: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- HUBERMAN, Georges. *A Imagem Sobrevivente*. História da arte e tempo dos fantasmas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, E (orgs.). *Giro Lingüístico e historia intellectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.
- LIMA, Sônia Maria Lima van Dijck (org.). *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa* [1946]. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2000.
- MOTA, Carlos Guilherme. Raízes do pensamento radical. In: *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ed. 34, 2014.
- NANCY, Jean-Luc. *Banalidade de Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- NEME, Mário (org.). *Plataforma da Geração 45*: 29 figuras da intelectualidade brasileira prestam seu depoimento no inquérito promovido por Mário Neme. Porto Alegre: Globo, 1945.
- PASTA JÚNIOR, José Antonio. O Romance de Rosa Temas do *Grande Sertão* e do Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, Número 55, São Paulo – Outubro de 1999.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos*: os críticos do Grupo Clima (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- REALE, Miguel. Os Imperativos da Revolução. *Convivium*: revista de investigação e cultura. São Paulo, Ano III, Número 5, Vol. 5, Julho-Agosto 1964.
- ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- ROSA, João Guimarães. Duas cartas [Carta a Vicente Ferreira da Silva, 21 de maio de 1958]. *Cavalo Azul*, São Paulo, n. 3, 1967.
- SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade*: ensaio sobre Grande Sertões: veredas de Guimarães Rosa. Recife: Cep, 2017.
- SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: *Sequências Brasileiras*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SILVA, Dora Maria Ferreira da. Às margens de Rosa. *Cadernos de literatura brasileira – João Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, n. 20-21, dez. 2006.
- SILVA, Dora Maria Ferreira da. O Demoníaco em *Grande Sertão: veredas*. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 8, novembro de 1957.
- SILVA, Dora Maria Ferreira da. Sagarana e o Sentimento da Natureza. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 6, fevereiro de 1957.

- SILVA, Vicente Ferreira da. A Fonte e o Pensamento. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 7, setembro de 1957.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Apresentação. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 1, setembro de 1955.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Apresentação. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 8, novembro de 1957.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Carta a Dora Ferreira da Silva. 7 de maio de 1947. *Transcendência do Mundo*. Obras Completas. (Vol. 3). São Paulo: É Realizações, 2010.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Crepúsculo da Nacionalidade; Sofisma da Democracia [Diário de São Paulo, 1955]. In: *Dialética das Consciências*. Obras Completas. (Vol. 2). São Paulo: É Realizações, 2009.
- SILVA, Vicente Ferreira da. O Existencialismo de Jean-Paul Sartre [1948]. In: *Dialética das Consciências*. Obras Completas. (Vol. 2). São Paulo: É Realizações, 2009.
- SILVA, Vicente Ferreira da. O Homem e sua proveniência [1952]. *Transcendência do Mundo*. Obras Completas. (Vol. 3). São Paulo: É Realizações, 2010.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Os pastores do Ser. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 1, novembro de 1955.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Paradoxos de uma época [1958]. *Transcendência do Mundo*. Obras Completas. (Vol. 3). São Paulo: É Realizações, 2010.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Sartre: um equívoco filosófico. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 13, novembro de 1960.
- SILVA, Vicente Ferreira da. Spengler e o Racionalismo. *Clima*, nº 4, São Paulo, Setembro de 1941.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- VARGAS, Milton. O Jovem Vicente Ferreira da Silva. In: SILVA, Vicente Ferreira da. *Lógica Simbólica*. Obras Completas. (Vol. 1). São Paulo: É Realizações, 2009.
- VARGAS, Milton. Visão e Descrição. *Diálogo Revista de Cultura*, nº 8, novembro de 1957.
- WEINSTEIN, Barbara. *A cor da modernidade: branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: Edusp, 2022.

“O Homem dos Avesos”: a leitura de *Grande Sertão: veredas*
de Antonio Candido na *Diálogo Revista de Cultura* (1957)
Artigo recebido em 13/08/2025 • Aceito em 10/03/2026
DOI | 10.5216/rth.v28i1.82996
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado